



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Teorias e Metodologias

VIRAGEM E ILUSÃO BIOGRÁFICAS. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS ALTERNATIVAS PARA ABORDAR A REFLEXIVIDADE E A TEMPORALIDADE

NICO, Magda

Doutorada em Sociologia

Instituto Universitário de Lisboa - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia

magda.nico@iscte.pt

Resumo

A “viragem narrativa” aliada à “sociedade da entrevista” e à “filiação militante” à teoria da individualização tem contribuído para que se ignorem as chamadas de atenção de Bourdieu (1993) quanto à “ilusão biográfica” e se substitua o objecto de estudo pelas entrevistas biográficas sendo estas reproduzidas literal mas entusiasticamente, como se na interação entrevistador-entrevistado ou na “versão narrativa” dos informantes estivesse encapsulado todo o contexto social e temporal imprescindível à interpretação sociológica. Em suma, de um lado ideológico-científico, alguns cientistas sociais, por vezes na ânsia de “dar voz” aos entrevistados, perdem a sua. Por outro lado, prático-metodológico, a ilusão de ordem analítica facilitada pelos CAQDAS pode aliciar os investigadores a codificar em vez de analisar, procedendo posteriormente a uma “demonstração de conteúdo” ao invés de a uma “análise de conteúdo”.

O alcance dos “métodos mistos” nesta matéria é ainda insuficiente. Estes tendem sobretudo a reunir diferentes estratégias metodológicas num mesmo processo de investigação mas menos frequentemente a “misturar” concretamente métodos quantitativos e qualitativos numa mesma técnica de pesquisa (técnicas mistas). Numa pesquisa sobre transição para a vida adulta na perspectiva do curso de vida, procedeu-se à utilização de uma “técnica mista” alternativa: a combinação da entrevista de carácter biográfico (da tradição qualitativa) com os calendários de vida (da tradição quantitativa). As narrativas dos jovens foram contagiadas pela organização temporal do calendário de vida ao mesmo tempo que este foi enriquecido pelas relações causais e afectivas associadas aos eventos de transição, identificadas pelos jovens adultos. Tal estratégia permitiu evitar alguns dos problemas causados pela coerência narrativa que caracteriza a “ilusão biográfica”.

Abstract

Due to the “narrative turn”, the “interview society” and the “militant affiliation” to the individualization thesis, Bourdieu’s concerns about the “biographical illusion” have been ignored, making it easier to substitute the research topic with the interviews that are subsequently reproduced literal and enthusiastically, as if the social and temporal context, fundamental to sociological interpretation of data, was encapsulated in the interviewee-interviewer interaction. On one hand, ideological-scientific, some social scientists, in their eagerness to “give voice” to the interviewees, lose their own. On the other, methodological-practical one, the illusion of an analytical order, provided by the CAQDAS, can invite the researchers to code instead of analysing data, later developing what is more a “content demonstration” than a “content analysis”.

Mixed methods alternatives are still insufficient. These tend specially to gather different methodological strategies in a research project and less frequently to mix qualitative and quantitative techniques. In a research recently developed on the transitions to adulthood in the life course perspective, we used an alternative “mixed technique”: the combination of the biographical interview (of the qualitative tradition) with the life calendars (of the quantitative tradition). The narratives of young people were made in the framework of temporal organization provided by the life calendar, while the life calendar was enriched by the causal and affective relations established between the events, by the interviewees. This allows us to avoid some of the problems caused by the narrative coherence that characterizes the “biographical illusion”.

Palavras-chave: Viragem narrativa, Ilusão biográfica, Calendário de vida, Métodos mistos

Keywords: Narrative turn, biographical Illusion, Life calendar, Mixed methods

PAP0051

1. Sobre a viragem e a ilusão biográficas

A evolução das pesquisas qualitativas nas ciências sociais, a apropriação destas pelos investigadores, as suas afiliações teóricas e alguns desenvolvimentos de *software* que assistem a análise de conteúdo justificam cada vez mais a chamada de atenção de Bourdieu relativamente à “*ilusão biográfica*” (1997 [1993]). Acerca desta Bourdieu afirma que “*a narrativa, seja biográfica ou autobiográfica, como a de um inquirido que ‘se confia’ a um inquiridor, propõe acontecimentos que, nem todos sempre se desenrolando na sua estrita sucessão cronológica (quem quer que tenha recolhido histórias de vida sabe que os inquiridos perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem a, ou pretendem, organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. O sujeito e o objecto da biografia (o inquiridor e o inquirido) têm de certo modo o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada (e, implicitamente, de qualquer existência)*” (Bourdieu, 1997 [1993]: 54). De facto, a “*viragem narrativa*” ou biográfica nas ciências sociais (Chamberlayne *et al.*, 2000), a emergência de uma “*sociedade da entrevista*” (Atkinson e Silverman, 1997) e a “*afiliação militante*” dos investigadores à tese da individualização protagonizada, entre outros, por Beck (1992) e Giddens (2001 [1991]) (Nico, 2011) podem tornar algo *naïve* a recolha e a análise dos dados qualitativos, convidando entrevistado e entrevistador/investigador a embarcar acriticamente na coerência narrativa, mas eventualmente pouco reflexiva, que envolve os episódios de vida contados. Algumas estratégias metodológicas que privilegiam e respeitam a temporalidade dos acontecimentos, tanto quanto a reflexividade que a eles é dirigida pelos entrevistados, podem ser desenvolvidas de forma a atenuar esta “*ilusão*”, ou ingenuidade, “*biográfica*”. É o que se precisamente propõe neste artigo, com a apresentação da operacionalização e das vantagens da utilização da “*técnica mista*” composta pelo calendário de vida e pela entrevista biográfica, e da sua contextualização nos diferentes paradigmas de investigação.

Os métodos são produto do seu tempo e espaço (MacLeod e Thomson, 2009: 6). E assim sendo, a viragem e a ilusão biográficas, que caracterizam parte do estado atual das pesquisas qualitativas, podem ser entendidas como o culminar dos percursos ideológico, técnico e teórico deste tipo de pesquisas em direção à sua institucionalização e identidade no campo mais vasto das ciências sociais. A propensão para a “*ilusão biográfica*” (Bourdieu, 1997 [1993]) é, assim, permeável a alguns dos vestígios das vagas epistemológicas das pesquisas qualitativas, às aparentes facilidades de análises propostas pelos CAQDAS e ainda à teoria de individualização.

1.1. O deslumbramento com a história de vida

O percurso das pesquisas qualitativas nas ciências sociais caracteriza-se por cinco grandes vagas epistemológicas (Denzin e Lincoln, 1998). No período tradicional (entre 1900 e 1950), o paradigma científico era essencialmente positivista e os investigadores das pesquisas qualitativas estavam essencialmente preocupados em produzir interpretações “*objectivas*”, válidas e fiáveis (Denzin e Lincoln, 1998). Embora esta importação da legitimidade científica pelo mimetismo das “*ciências naturais e exatas*” tenha deixado de ser a prática ou preocupação das décadas seguintes, até esta altura, o termo “*metodologia*” era usado quase exclusivamente pelas metodologias quantitativas (Gobo, 2005) e as reflexões metodológicas serviam apenas os propósitos das pesquisas quantitativas. Era, por isso, necessário contrariar a ideia de Hughe, repetida ao longo de gerações, de que “*the only way to learn field methods was to ‘get the set of your pants dirty’ in real research*” (in Fielding, 2004: 29). Na “*fase modernista*” ou “*golden age*” das pesquisas qualitativas, que se desenvolveu entre 1950 e 1970, embora ainda se valorizasse o realismo social e as etnografias e ainda existisse a tentativa de formalizar os métodos qualitativos (paralelamente à emergência de novas teorias interpretativas como a etnometodologia, a teoria crítica e o feminismo), muito através dos desenhos de pesquisa multi-método (uso simultâneo de entrevistas semi-estruturadas, observação participantes, análise quantitativa e qualitativa dos dados recolhidos), as pesquisas qualitativas começavam a estar associadas a um novo objectivo, o de “*dar a voz*” às minorias sociais, às classes desfavorecidas, às franjas discriminadas ou menos integradas na sociedade (Denzin e Lincoln, 1998).

São inúmeros os exemplos dos vestígios desta preocupação com a representação, no campo científico, de grupos caracterizados por uma certa invisibilidade social, desde subdomínios ou temas da sociologia como a juventude, a infância, a vivência de deficiências, até correntes teóricas baseadas na investigação-acção, no “empowerment”, etc.. Levada ao extremo, esta preocupação poderá fazer da “ilusão biográfica” não um obstáculo à investigação mas o seu próprio objectivo, confundindo-se o papel de analista social com o de “porta-voz”. A ideia cândida de uma “*relação pura*” (Giddens, 2001 [1991]) entre entrevistado e entrevistador, associada à ideia de autenticidade da narrativa recolhida, promove talvez sem precedentes a “*ilusão biográfica*” sobre a qual Bourdieu (1997 [1993]) se esforçou para chamar a atenção.

1.2. A ilusão de objectividade

Entre as novas direções futuras das pesquisas qualitativas nas ciências sociais, Gobo (2005) identifica uma maior formalização dos métodos, um maior desenvolvimento da análise de dados e um melhor casamento entre *software* e análises qualitativas. A formalização dos métodos aumenta a validade e confiança nos resultados, permitindo também uma inversão da tendência de associação da análise dos dados ao paradigma quantitativo e da recolha dos dados ao paradigma qualitativo; enquanto que uma melhor relação entre os *softwares* e as análises qualitativas permite agir sobre os grandes obstáculos na validação dos métodos qualitativos, melhorando o sistema de classificação e o nível de transparência. Mas é necessário também temperar esta “formalização” dos dados com reflexão metodológica, protegendo-a do excesso de matematização (Gobo, 2005). Algumas discussões em torno do desenvolvimento dos CAQDAS têm, desde o seu surgimento em terrenos anglo-saxónicos (nos anos 80), chamado a atenção para este aspecto.

Os CAQDAS são programas de computador orientados para o auxílio na análise de dados qualitativos (Kelle, 1997), nomeadamente detectando, organizando, categorizando e anotando dados textuais e visuais. Devem ser entendidos como “*ferramentas, como catalisadores do processo de pesquisa (...)*”, como “*um meio facilitador e não um fim em si mesmo*” (Teixeira e Becker, 2001: 110). Apesar da sua utilização apresentar inúmeras vantagens (economia de tempo e de custos; maior eficiência no tratamento de volumes grandes de informação; potencial maior controle sobre o processo de pesquisa; maior facilidade em reproduzir, trocar e unir documentos, maior transparência na análise), têm sido também apontadas algumas críticas. Um maior distanciamento entre investigador e dados, uma falsa homogeneidade entre os métodos de análise de dados (o que inibe a criatividade do investigador e cria a ilusão de objectividade) e uma potencial perda de parte da riqueza das narrativas por excesso de fragmentação dos dados, são algumas delas.

Uma utilização crítica e consciente dos CAQDAS permitirá evitar a substituição da “análise de conteúdo” pela prática desbaratada da codificação (König, n.a) ou por uma mera *demonstração de conteúdo*. Assim, deverá evitar-se “*resvalar para a mera reprodução dos discursos (verbais e não verbais) dos sujeitos observados (...) como se num profundo, irreversível e mole vazio se movessem*” (Lopes, 2002: 63). As vidas e as narrativas são analisadas como se se situassem num vácuo social (Atkinson, 2005). Em suma, a análise de conteúdo não pode ser refém das possibilidades destes *softwares* e deve ser sempre garantido o espaço para o “*human eye and interpretative act*” (Evers, 2011).

1.3. O excesso de “verticalidade”

A afiliação militante à tese da individualização, aliada à viragem narrativa das ciências sociais, produz muitas vezes aquilo a que Thompson chama de “*failing of much qualitative work in the postmodern or narrative modes*” (2004: 254). O deslumbramento com o processo de investigação, com as práticas reflexivas dos indivíduos entrevistados e dos investigadores envolvidos, e com as vidas que são contadas tem como consequência que os investigadores façam do “*processo interativo da pesquisa o centro do estudo em si*” (Thompson, 2004: 254).

A viragem biográfica e a tese da individualização contagiaram as pesquisas qualitativas como um *vírus*. Durante várias décadas foi a análise horizontal, que “*trata cada uma dos temas, salientando as diferentes formas sob as quais ele aparece nas pessoas inquiridas*” (Ghiglione e Matalon, 1997) que era a mais

desenvolvida; nos últimos anos as análises verticais massificaram-se. Com obras como a de Lahire (2004 [2002]), as análises verticais, “*que seguem uma lógica de referência particularista (...) sendo portanto sensível à singularidade específica dos casos escolhidos*” (Conde, 1993: 206) disseminaram-se. Ao contrário do que sucede com a obra referida de Lahire, ou de Lewis (1970), muitas das análises verticais realizadas passam pela descrição densa e acrítica dos discursos dos entrevistados (Atkinson, 2005). Como refere Atkinson, “*social scientists who extol the virtues of personal interviewing, and who base their research exclusively on such data are in danger of recapitulating one of the key features of contemporary society, rather than examining and analysing it*” (2005: 206).

As várias possibilidades de análise de material qualitativo são, desta forma, subaproveitadas ao mesmo tempo que a análise de conteúdo vertical se torna excessivamente descritiva e densa, vulgarizando-se e desvirtuando o seu propósito. Em suma, a “*ilusão biográfica*” (Bourdieu, 1997 [1993]) é uma aliada da ideia de “porta-voz” das minorias, da excessiva formalização dos métodos, e ainda da massificação da análise vertical descritiva e densa. Alguns métodos e objectivos analíticos podem (e devem) atenuar estas alianças.

2. Denominadores metodológicos comuns

Os métodos de investigação chegam a ser muitas vezes objecto não apenas de operacionalização mas também de crença. Muitos dos “exageros” das pesquisas qualitativas referidos resultam deste mesmo fundamentalismo metodológico. A discussão sobre a legitimidade e a adequabilidade de determinados métodos de pesquisa fica, frequentemente, auto-contida, de forma tácita, aos pares. Esta rivalidade mútua entre os métodos quantitativos e qualitativos só acentua a construção de aparentes diferenças entre eles. A temporalidade e a superioridade dos registos individuais são os dois denominadores comuns a estes dois paradigmas. Uma bem-sucedida combinação destes dois ingredientes, no uso simultâneo do calendário de vida e da entrevista biográfica, poderá, aliás, ser um contributo para o “calcanhar de Aquiles” dos métodos mistos, o da comparabilidade dos dados e da análise.

Sobre o papel da temporalidade, pode afirmar-se que a “*ilusão biográfica*” tende a ser tanto maior quanto menor for também a preocupação com a temporalidade da pesquisa e dos dados recolhidos. Uma pesquisa sociológica só pode sair a ganhar do uso de uma elevada exigência com a temporalidade metodológica como forma de se esquivar à *ilusão biográfica*, de, como refere Bourdieu, questionar a “razão” e desafiar a “*lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva*”, ao retirar “*consistência*” e “*constância*” ao discurso biográfico (1997 [1993]: 54). A forma como o registo escrito da história de vida, usando o instrumento de recolha de dados habitualmente quantitativos no momento da entrevista semi-directiva, se impõe ao discurso, vem desfazer a prévia organização (narrativa, afectiva, etc.) dos acontecimentos da vida, para a refazer temporalmente. Assim, o uso deste registo tenta captar não a “*experiência coerente da vida como unidade e como totalidade*”, “*como uma narrativa totalizante*” (Bourdieu, 1997 [1993]: 55), mas precisamente desfazê-la, isto é, decompô-la temporalmente. Esta componente do guião, em que a dimensão do registo escrito da história de vida é introduzida, é aquela em torno da qual o resto da entrevista gira em torno. A grelha do calendário de vida é, portanto, o “*tronco*” da conversação, e os episódios e carreiras de vida os seus “*ramos*”. O guião poderá ainda ter outros tópicos de conversação (prévios e/ou posteriores).

Já sobre a superioridade dos registos individuais, Thomas e Znaniecki referem que “*the superiority of life records over every other kind of material for the propose of sociological analysis appears with particular force when we pass from the characterization of single data to the determination of facts, for there is no safer and more efficient way of finding among the innumerable antecedents of a social happening the real causes of this happening than to analyse the past of the individuals through whose agency this happening occurred*” (1984 [1928]: 294-295). Becker mais tarde referiria igualmente que a ausência de recolha de material no maior pormenor possível não é baseada em nenhum princípio científico, mas simplesmente na inexequibilidade de tal esforço (Becker, 1994: 192). A metodologia apresentada nesta comunicação pretende, precisamente, demonstrar a conjugação frutífera entre duas superioridades: a da razão discursiva, da reflexividade e da intencionalidade da acção para a compreensão do processo de construção e reformulação dos projetos de vida; e do registo individual das especificidades das sequências individuais de todos os

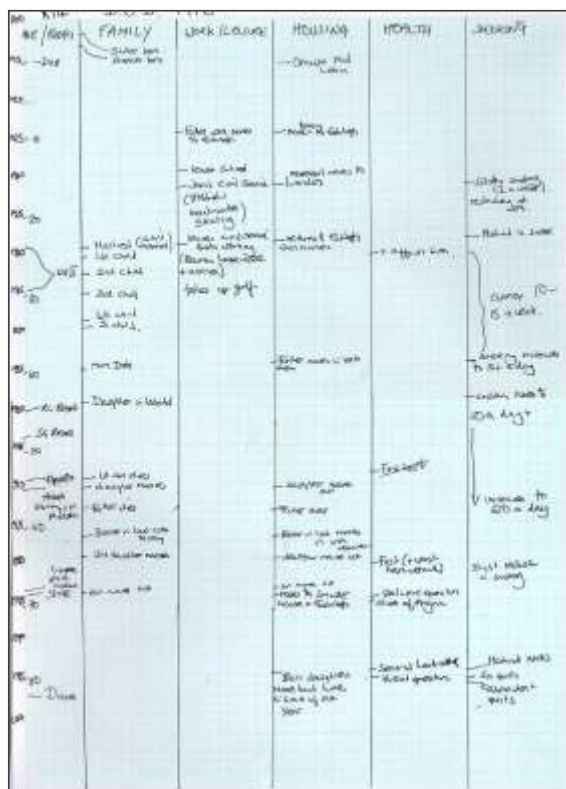
acontecimentos relevantes, sejam eles demográficos, planeados, externos, “*turning points*” ou críticos, para a explicação dos desenrolares das vidas.

3. O calendário de vida e a entrevista biográfica

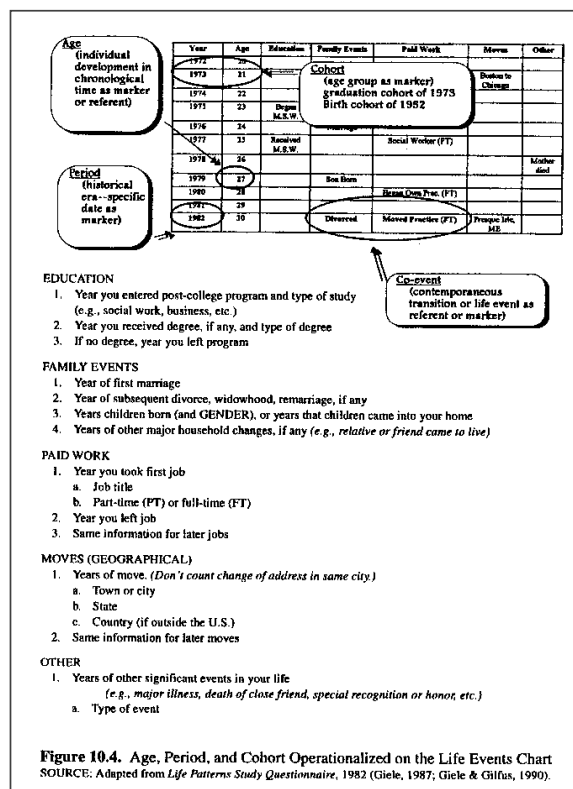
Em 1999, Parry, Thomson e Fowkes apelavam por mais investigação e publicações em torno da conjugação frutífera entre o preenchimento das fichas de histórias de vida e as entrevistas semi-diretivas. Argumentavam que esta conjugação levaria a novas formas de compreender e de apresentar resultados qualitativos (1999, par. 4.12). Desde então, porém, poucas foram as pesquisas que seguiram este conselho. O uso do instrumento da ficha de eventos, ou calendário de vida, ou registo da história de vida não é pouco frequente (Glasner e van der Vaart, 2009 para uma revisão de literatura), a sua conjugação com entrevistas qualitativas de carácter biográfico, sim. O uso de técnicas de calendário de vida é variado e inclui a perspectiva do curso de vida no âmbito da sociologia, da epidemiologia, dos estudos de planeamento familiar, comportamento de saúde, comportamento de risco sexual, violência doméstica ou estudos sobre tratamentos de doenças (Glasner e van der Vaart, 2009: 333-335).

De facto, desde os anos 80 e o desenvolvimento mais acérrimo da perspectiva do curso de vida, “*que os cientistas sociais têm vindo a incorporar o timing e as sequências dos eventos do curso de vida nos seus desenhos de pesquisa e análises*” (Freedman *et al.*, 1988: 38). Nestes casos, porém, era apenas utilizada enquanto técnica para recolha de informação retrospectiva (Freedman *et al.*, 1988, van der Vaart, 2004; Glasner e van der Vaart, 2009), que veio melhorar a qualidade dos dados recolhidos. O formato encriptado dos calendários de vida denunciava desde logo a falta de interesse de que o seu preenchimento fosse um trabalho conjunto do entrevistado com o entrevistador. A necessidade em conjugar este instrumento com entrevistas qualitativas começou a surgir em pesquisas de *follow-up* (Freedman *et al.*, 1999), no âmbito da sociologia médica ou da medicina, e por fim, este instrumento começou a ganhar muita fama e terreno como o método mais adequado de recolher informação junto de indivíduos idosos (Parry, Thomson e Fowkes, 1999; Wilson *et al.*, 2007). Estes usos do método continuavam, no entanto, a servir propósitos meramente quantitativos (Parry, Thomson e Fowkes, 1999). Tem sido, deste modo, referido que as questões colocadas qualitativa e pessoalmente servem apenas para completar a informação da ficha e para aumentar a consistência desta (Freedman *et al.*, 1988: 50, van der Vaart, 2004); para estimular a memória de forma a minimizar a falta de rigor que costuma caracterizar os dados recolhidos retrospectivamente (Blane, 1996:751) e ainda para aproveitar o potencial da ficha de eventos como um *aide-memoire* (Berney e Blade 2003: 14, Freedman, 1988:66, Parry, Thomson e Fowkes, 1999, Glasner and van der Vaart, 2009; van der Vaart, 2004). A introdução da grelha viria, então, colmatar o problema mais frequentemente apontado da recolha retrospectiva de dados: a falta de rigor na memória das datas e das sequências dos eventos.

Porém, as vantagens desta combinação entre a ficha de eventos e a entrevista biográfica revelaram ser bilaterais, na medida em que a introdução da grelha altera a dinâmica da conversa, enriquecendo-a e estimulando-a, ao permitir, ao nível da narrativa, “*top-down and parallel retrieval*” (Glasner e van der Vaart: 336). Permite, assim, a relação entre a experiência individual e a identificação de momentos-chave, históricos ou individuais; melhora a relação entre entrevistado e entrevistador/ investigador, permite um entendimento holístico do fenómeno ao promover a interdependência dos relatos acerca dos vários eventos e permite regressar a eventos relatados em momentos diferentes da entrevista (Parry, Thomson e Fowkes, 1999). O formato da ficha de eventos apresenta algumas variações consoante os estudos, mas a sua base é relativamente constante e transversal:



Fonte: Parry *et al.*, 1999, Figure 1.



Fonte: Giele, 1998: 250

Ano/idade	Escolaridade		Emprego		Sair de casa		Namoro		Coabitação		Casamento		Filhos	Outros
	Início ou regresso	Fim ou intervalo	Início	Fim	Saída ou mudança	Regres-so	Início	Fim	Início	Fim	Início	Separa-ção ou divórcio	Nascimento	
80 / ...														
81 / ...														
... / ...														
08 / ...														
09 / ...														

Fonte: Grelha utilizada na pesquisa levada a cabo para a presente dissertação.

Figura 1 - Exemplos de calendários de vida

A primeira coluna refere-se à métrica temporal, que geralmente contém o ano civil e a idade (Freedman *et al.*, 1988: 51, Giele, 1998; Parry Thomson e Fowkes, 1999; Blane, 1996). As seguintes referem-se geralmente às carreiras demográficas mais comuns: escolar, profissional, conjugal, parental, etc.. Pode e deve acrescentar-se colunas de interesse específico para a pesquisa concreta que se está a levar a cabo (carreira fumadora, carreira criminal, carreira migratória, carreira militar, etc.). Assim, regista-se na história de vida a cronologia dos eventos e das actividades que combinam dados sobre educação, profissão, família e residência (Scott e Alwin, 1998: 100). A opção por desagregar, ou “*decompor para melhor compor*” (Pais, 2001: 102) algumas carreiras, poderá permitir a recolha de informação sobre eventos não apenas demográficos mas biográficos, críticos ou de viragem.

Apesar da ideia de que quanto mais profissional e “atraente” a ficha de eventos, maior o impacto positivo no interesse do entrevistado em preenchê-la (Freedman *et al.*, 1988: 51), a opção aqui defendida é em favor da simplicidade, que se alia mais facilmente à informalidade da interação. Também não se defende uma ordem muito rígida no preenchimento do calendário, ao contrário do que fizeram Freedman (1988) e Berney e Blade (2003). Na pesquisa que consubstancia a presente comunicação, o objectivo era permitir a maior fluidez possível do discurso e o espaço para a explicação das relações de interdependência entre os diferentes tipos de eventos, individuais ou externos (Blane, 1996: 752). A presença física da grelha legitima o regresso a tópicos ainda não explorados ou a datas ainda não registadas, pelo que o preenchimento escrupuloso e inflexivelmente ordenado da ficha não apresenta nenhuma vantagem, antes pelo contrário, poderia prejudicar a relação e a interação entre entrevistado e entrevistador/investigador. Além disso, a ficha de eventos deve

ser o mais perceptível possível para o entrevistado, e por isso não se usam códigos, siglas nem técnicas sofisticadas de anotação que este não possa compreender.

A interação entre a *narrativa biográfica* e o *registo escrito da história de vida* é muito frutífera enquanto instrumento *combinado* de recolha de dados biográficos. Esta dicotomia é sinónima à inicialmente argumentada por Bertaux, composta pelos conceitos de “*life story*” e de “*life history*”. Como explica Clausen, é mais adequado denominar de “*life story*” quando se trata exclusivamente da visão subjetiva e retrospectiva do indivíduo sobre experiências passadas e do significado dessas experiências para o indivíduo. Assim, uma “*história de vida completa*” deve incorporar os testemunhos do indivíduo mas também outros dados (Clausen, 1998: 192). Assim, à medida que é contada a história dos eventos é feita uma viagem pelas quatro fases de um evento ou transição: a preparação, a ocorrência, a adaptação e a estabilização (George, 1993: 368). A vida contada é sempre, e mesmo nos casos de interação com a vida vivida, o passado aos olhos do presente, e fruto de construções onde o singular, o social e o histórico estão “*entrelaçadas*” (McLeod e Thomson, 2009: 30-31). É nesse sentido que o facto da sua (versão) da história da sua vida ser pejada de subjetividade não retira pertinência à sua análise, até pelo contrário.

Ora o método biográfico-interpretativo baseia-se precisamente na distinção entre estes dois tipos de materiais, o que se refere à *vida vivida* e o que se refere à *vida contada* (Wengraf, 2000: 145). Ao contrário, porém, do que sucede com a presente pesquisa, neste caso os dados são analisados separadamente e os resultados só posteriormente são reunidos. Não obstante, são inúmeras as semelhanças entre o método analítico usado na presente pesquisa e o método biográfico-interpretativo tal como descrito por Wengraf. “*A vida vivida é composta de dados biográficos, que podem ser extraídos de entrevistas ou de outra fonte relevante. É vista como uma longa e cronológica sequência de factos históricos ‘objectivos’ da vida dos indivíduos, os eventos da vida tal qual aconteceram, independentemente de como são referidos na entrevista*” (Wengraf, 2000: 145). Por outro lado, a “*vida contada é a forma como o indivíduo se apresenta a si mesmo – tanto na narrativa inicial como nas respostas a perguntas específicas – ao seleccionar certos eventos da vida e omitir outros, e por lidar com eles de uma, e não de outra, determinada forma*” (Wengraf, 2000: 145). Reunir estes dois tipos de informação, usando o método biográfico de uma forma compósita e menos tradicional, permite captar tanto os “*alinhamentos*” como os “*desalinhamentos*” de vida, desafiando os indivíduos a preencher os “*silêncios*”, “*lacunas*” e “*não-ditos*” (Pais, 2001: 87). Este método combinado permitiu, portanto, a análise de três camadas de informação: a história dos eventos, a acumulação das experiências e a avaliação ou interpretações dessas mesmas experiências (Scott e Alwin, 1998, 100-101). Os dados recolhidos desta forma podem ainda ser analisados através de quatro análises biográficas diferentes (ou complementares), a saber, a análise de *conteúdo holístico*; a análise de *conteúdo temática*, análise da *forma holística*, e a análise da *forma das categorias* (Cohler e Hostetler, 2002: 560).

4. Operacionalização

Como Plummer refere, “*no life story is simply that: a story. Instead it is built out of a series of social domains surrounding the life story-teller, the psychologist who is collecting the story, and the interaction between them*” (Plummer, 1995 citado por Cohler e Hostetler, 2002: 561). O material recolhido através da ficha cronológica de eventos mas especialmente da explicação causal e emocional da relação entre esses mesmos eventos é produto de uma densa interação entre o jovem-adulto e o investigador/entrevistador. Tal interação já habitualmente sucede noutros formatos biográficos, que tendem a “*requerer discussão e elaboração*”, fazendo do produto final, a narrativa, uma “*construção conjunta*” (Clausen, 1998: 197, ver também Rustin e Chamberlayne, 2002: 10). Mas o preenchimento da grelha cronológica dos eventos, ao não ser realizado pelo entrevistado, implica uma cooperação adicional, constante e dinâmica entre o entrevistador/investigador e o entrevistado. A interferência da grelha no momento da entrevista convida, portanto, o entrevistado para uma participação ainda mais cativa do que habitual (Parry, Thomson e Fowkes, 1999, par. 3.2; Freedman *et al.*, 1988: 66).

Para o resultado bem-sucedido desta metodologia, cabe ao investigador garantir (i) relativa proximidade física entre si e o entrevistado e (ii) suavidade na introdução da grelha na dinâmica da entrevista, já em curso.

(i) A proximidade física entre o investigador/entrevistador e o entrevistado garante que este poderá ver tudo o que está a ser apontado sobre ele na ficha de eventos, o que transmite confiança na transparência do “contrato da entrevista”. Para esta transparência acresce também a explicação de como funciona o preenchimento e de para que serve a ficha de eventos, dada no momento em que esta é introduzida (também aconselhado por Parry, Thomson e Fowkes, 1999; par. 2.9). Permite, simultaneamente, que caso alguma eventual correção dos dados que estão a ser registados seja necessária, esta possa ser imediatamente detectada pelo entrevistado e efectuada pelo entrevistador/investigador (Freedman *et al.*, 1988: 66). Além disso, a visualização do mapeamento da vida por parte do entrevistado estimula o preenchimento da ficha de eventos e, principalmente, convida ao estabelecimento da relação temporal correta e da relação causal atribuída entre os eventos (Parry, Thomson e Fowkes, 1999). Em nenhum outro momento das suas vidas os entrevistados se viram em situação de visualizar um mapa da sua vida real, com as “zonas temporais” calmas e de reboição transicional, e seu respectivo rasto, devidamente registadas. Emerge, deste modo, uma necessidade, alimentada pela curiosidade em apurar o aspecto final, em registar cronológica e corretamente todos os eventos relevantes para a “história de vida”, para que o entrevistado possa rever-se nesse mapa. Parry, Thomson e Fowkes designam este processo de “*entertaining challenge*” (1999).

(ii) Por outro lado, é igualmente importante que a informalidade e a flexibilidade do instrumento de recolha de informação “entrevista” já estejam estabelecidas pelo investigador/entrevistador e reconhecidas pelo entrevistado para que a grelha, quando introduzida, seja entendida como um pretexto para continuar a conversar e não como um motivo para uma interrupção da conversa, ou para uma ruptura da dinâmica até então já estabelecida. Assim, embora no guião da entrevista semi-diretiva possa estar pré-definida a ordem pela qual os tópicos de conversa, bem como a grelha, devem ser introduzidos, só se deverá respeitar essa recomendação se a confiança, até ao momento em que estava pré-definida a entrada da grelha, estivesse minimamente estabelecida, e a informalidade e flexibilidade da conversa já estivessem assumidas e postas em prática. A grelha, pela sua natureza, facilmente poderia cair num registo de interrogatório, que suscita pouca simpatia por quem está no lugar do “interrogado”, e por esse motivo é fundamental que os precedentes da confiança e da fluidez da conversa estejam abertos no momento em que a grelha é introduzida.

5. Conclusão, a temporalidade como apaziguadora

A importância dada à temporalidade no desenho da pesquisa poderá permitir aos investigadores o uso de instrumentos alternativos para se esquivarem à “*ilusão biográfica*” (Bourdieu, 1997 [1993]), facilitada pelo deslumbramento pelas histórias de vida e os vestígios do “dar a voz” das pesquisas qualitativas, pela ilusão de objectividade promovida pelo uso acrítico dos CAQDAS e pelo excesso de “*verticalidade*” das análises de conteúdo impulsionado pela viragem biográfica e pela tese da individualização.

São essencialmente duas as formas através das quais a combinação do calendário de vida com a entrevista biográfica poderá ajudar a evitar a ilusão biográfica, isto é, impedir o deslumbramento acrítico do investigador com a coerência narrativa do seu entrevistado. São elas a reconstrução da narrativa e o desenvolvimento do potencial analítico dos dados.

Num contexto de “*interview society*” (Atkinson e Silverman, 1997), a investigação sociológica tem a obrigação de questionar criticamente as versões discursivas dos indivíduos. Se é importante reconhecer que “*if men define situations as real, they are real in their consequences*” (Thomas e Znaniecky, 1984 [1928]), é também importante atribuir aos cientistas sociais um papel maior do que o de mero “colector” de dados, “porta-voz” de minorias, ou de mero instrumento de *playback* dos discursos dos entrevistados. Devem portanto, em alguns casos de investigação social, ser desenhadas ou seguidas metodologias que permitam recolher, de forma exigente e pormenorizada, os dados sobre trajetórias sociais, respeitando a sequência dos eventos e a temporalidade concreta e real do curso de vida. O caso da combinação da entrevista biográfica com o calendário de vida pretende ser apenas um exemplo destas estratégias alternativas.

Esta reconstrução faz-se através de um equilíbrio narrativo, proposto pela combinação das duas técnicas. Por um lado, é proposto um equilíbrio holístico, sendo o entrevistado convidado a contar a sua vida nas suas várias “frentes”, por exemplo, escolar, familiar, residencial, etc.. Por outro lado, é proposto um equilíbrio

entre o rigor (das datas, da ordem) e do detalhe. Tal permite arrumar e analisar os eventos temporalmente e sobretudo, no âmbito de uma cadeia causal mais correta, analisar com precisão a “interdependência” e a sequência entre os eventos demográficos e não demográficos, importantes ou irrelevantes para o sujeito narrador, dificultando uma coerência biográfica fabricada com base em sequências erradas de eventos; ao mesmo tempo que permite a abordagem do imprevisível, dos *turning points*, do “acaso” (Shanahan e Porfeli, 2007). Só este tipo de pormenor “*testemunha a importância do evento*” (Becker, 1994: 186) e permite a observação e a análise dos “*turning points*” como processos (Abbott, 2001) ou como “*histórias*” (Becker, 1994:188).

Esta “*técnica mista*” permite, desta forma, melhorar a qualidade da informação objectiva (sobre o *timing* e a ordem dos acontecimentos) e da informação subjetiva (a *vida contada*) recolhida. A um calendário de vida sem entrevistas podem estar associadas dezenas de *life stories* diferentes, até contraditórias. Só as narrativas subjetivas por de trás dessa história de eventos podem elucidar sobre a direção e a intencionalidade da ação, dando sentido, mais fácil e corretamente interpretado pelo investigador, à trajetória de vida. Por outro lado, uma entrevista biográfica sem calendário de vida sucumbe muitas vezes ao “*postulado do sentido da existência narrada*” referido por Bourdieu. Os entrevistados apresentam a experiência de vida com uma narrativa totalizante e de difícil decomposição analítica pelo investigador.

Assim, a aplicação conjunta do calendário de vida e da entrevista biográfica permite melhorar a informação objectiva que, ao ser registada num trabalho conjunto entre entrevistador e entrevistado, ao ser compreensível e transparente ao entrevistado, e ao ver a sua coerência temporal confrontada com as versões subjetivas da vida vivida (e recordada), passa desta forma por vários mecanismos de *controlo de qualidade*. Permite “*decompor, para melhor compor*”, a informação (Pais, 2001), seja pelo entrevistado em momento de entrevista seja pelo investigador, aquando da análise. Permite, ainda, melhorar a informação subjetiva sobre o curso de vida, permitindo associar à “*história dos eventos*” (no calendário de vida) uma história das decisões, das reflexões e dos arrependimentos. Permite restabelecer a ordem temporal certa a cursos de vida cuja coerência poderia ser somente ou sobretudo narrativa e devolver a todos os indivíduos o interesse das suas vidas. Permite que as “*boas histórias*” não aconteçam apenas “*àquelas que sabem contá-las*” (Henry James).

6. Referências

- Abbott, Andrew (2001), *Time matters. On Theory and Method*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Atkinson, Paul (2005), “Qualitative Research – Unity and diversity”, *Forum: qualitative social research*, Vol. 6 (3), 26.
- Atkinson, Paul and Silverman, David (1997), “Kundera’s Immortality: The Interview Society and the Invention of the Self”, *Qualitative Inquiry* 3(3): 304–25.
- Beck, Ulrich (1992), *Risk Society. Towards a New Modernity*, London, Sage.
- Bell, Andrew J. (2005), “‘Oh yes, I remember it well!’ Reflections on using the life-grid in qualitative interviews with couples”, *Qualitative Sociology Review*, vol.1 (1), pp. 51-67.
- Berney, Lee e David Blane (2003), “The Life Grid Method of Collecting Retrospective Information from People at Older Ages”, *Research Policy and Planning*, vol. 21 (2), pp. 13-22.
- Blane, D. B (1996), “Collecting retrospective data: development of a reliable method and a pilot study of its use”, *Social Science and Medicine*, vol. 42 (5), pp. 751-757.
- Bourdieu, Pierre (1997 [1993]), *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Acção*, Oeiras, Celta.
- Chamberlayne, Prue, Joanna Bornat e Tom Wengraft (2000), “Introduction: the biographical turn”, in Chamberlayne, Prue, Joanna Bornat and Tom Wengraft (Eds.), *The turn to biographical Methods in Social Science. Comparative issues and examples*, London, Routledge.

- Clausen, John A. (1998), "Life reviews and Life Stories", in Giele, Janet Z. and Glen H. Elder Jr. (Eds.), *Methods of Life Course Research. Qualitative and Quantitative Approaches*, California, Sage.
- Cohler, Bertram J. and Andrew Hostetler (2002), "Linking Life Course and Life Story. Social Change and the Narrative Study of Lives over Time", in Mortimer, Jeylan T. and Michael J. Shanahan (Eds.), *Handbook of the Life Course*, New York, Kluwer Academic Publications.
- Conde, Idalina (1993), "Falar da Vida (I)", *Sociologia, Problemas e Práticas*, vol. 14, pp. 199-222.
- Denzin, Norman K. and Yvonna S. Lincoln (1998), *The Landscape of Qualitative Research: Theories and Issues*, Sage: California.
- Evers, Jeanino (2011), "From the past into the future. How technological Developments Change Our Ways of data Collection, Transcription and Analysis", *Forum: qualitative social research*, Vol. 12 (1), art. 38.
- Fielding, Nigel G. (2004). "The resurgence, legitimation and institutionalization of qualitative methods" in Bergman, Max M. & Thomas, Samuel Eberle (Eds.), *Qualitative Inquiry*. Bern: Swiss Academy of Humanities and Social Sciences.
- Freedman, Deborah, Arnold Thornton, Donald Camburn, Duane Alwin and Linda Young De Marco (1988), "The life History Calendar: A technique for Collecting Retrospective data", *Sociological Methodology*, vol. 18, pp. 37-68.
- George, Linda K. (1993), "Sociological Perspectives on Life Transitions", *Annual Review of Sociology*, Vol. 19, pp. 353-373.
- Ghiglione, Rodolphe and Benjamin Matalon (1997), *O inquérito: teoria e prática*, Celta Editora, Oeiras.
- Giddens, Anthony (2001 [1991]), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta.
- Giele, Janet Z. and Glen H. Elder Jr. (1998), "Life Course Research: Development of a Field", in Giele, Janet Z. and Glen H. Elder Jr. (Eds.), *Methods of Life Course research. Qualitative and Quantitative Approaches*, California, Sage.
- Glasner, Tina and van der Vaart, Wander (2009), "Applications of Calendar Instruments in Social Surveys: a review", *Quality and Quantity*, 43, pp. 333-349.
- Gobo, Giampietro (2005), "The renaissance of qualitative methods", *Forum: qualitative social research*, Vol. 6 (3), art. 42.
- Henderson, Sheila, Janet Holland, Sheena McGrellis, Sue Harper e Rachel Thomson (2009 [2007]), *Inventing Adulthood. A Biographical Approach to Youth Transitions*, London, Sage.
- Hogan, Dennis P. and Frances K. Goldscheider (2002), "Success and Challenge in Demographic Studies on the Life Course", in Mortimer, Jeylan T. and Michael J. Shanahan (Eds.), *Handbook of the Life Course*, New York, Kluwer Academic Publications.
- Karweit, Nancy and David Kertzer (1998), "Data organization and Conceptualization", in Giele, Janet Z. and Glen H. Elder Jr. (Eds.), *Methods of Life Course research. Qualitative and Quantitative Approaches*, California, Sage.
- Kelle, Udo (1997), Capabilities for Theory Building & Hypothesis Testing in Software for computer aided qualitative analysis. Data Archive Bulletin May, 1997 n° 65.
- König, Thomas (n.a), CAQDAS – A primer, disponível em http://www.restore.ac.uk/lboro/research/software/caqdas_primer.php
- Lahire, Bernard (2004 [2002]), *Retratos Sociológicos. Disposições e Variações Individuais*, Porto Alegre, Artmed.
- Lewis, Óscar (1970), *Os filhos de Sanchez*, Lisboa: Moraes Editores

- Lopes, João Teixeira (2002), “Razão, corpo e sentimento na teoria social contemporânea”, *Sociologia*, 12, pp. 57-64.
- McLeod, Julie and Rachel Thomson (2009), *Researching Social Change. Qualitative Approaches*, London, Sage.
- Miller, Robert (2007), “Using Family Histories to Understand the Intergenerational Transmission of Chronic Poverty”, CPRC Working Paper 103, *Chronic Poverty Research Center*, (online).
- Nico, Magda (2011), *Transição Biográfica Inacabada. Transições para a vida adulta em Portugal e na Europa na perspectiva do curso de vida*, Tese de Doutoramento, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.
- Pais, José Machado (2001), *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro*, Porto, Âmbar.
- Parry, Odette, Carolyn Thomson and Gerry Fowkes (1999), “Life Course Data Collection: Qualitative Interviewing using the Life Grid”, *Sociological Research Online*, vol. 4 (2). Disponível em: <http://www.socresonline.org.uk/4/2/parry.html> (acedido em 12 de Maio de 2011).
- Rustin, Michael (2002), “Reflections on the biographical turn in social science”, in Chamberlayne, Prue, Joanna Bornat and Tom Wengraft (Eds.), *The turn to biographical Methods in Social Science. Comparative issues and examples*, London, Routledge.
- Scott, Jacqueline and Duane Alwin (1998), “Retrospective Versus Prospective Measurement of Life Histories in Longitudinal Research”, in Giele, Janet Z. and Glen H. Elder Jr. (Eds.), *Methods of Life Course research. Qualitative and Quantitative Approaches*, California, Sage.
- Shanahan, Michael J. and Erik J. Porfeli (2007), “Chance Events in the Life Course”, *Advances in the Life Course Research*, vol. 11, pp. 97-119.
- Teixeira, Alex Niche and Fernando Becker (2001), “Novas possibilidades da pesquisa qualitativa via sistemas CAQDAS”, *Sociologias, Porto Alegre, ano 3, n°5*, pp. 91-113.
- Thomas, William I. e Florian Znaniecki (1984 [1928]), *The Polish Peasant in Europe and America*, Chicago, University of Illinois Press.
- Thompson, Paul (2004), “Researching family and social mobility with two eyes: some experiences of the interaction between qualitative and quantitative data”, *International Journal of Social Research Methodology*, vol. 7 (3), pp. 237-257.
- Vala, Jorge (1986), “A análise de conteúdo”, in Silva, Augusto Santos and José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Edições Afrontamento, Porto.
- van der Vaart, Wander (2004), “The Time-line as a Device to Enhance Recall in Standardized Research Interviews: A Split Ballot Study”, *Journal of Official Statistics*, Vol. 20 (2), pp. 301-317.
- van der Vaart, Wander, Tina Glasner and Robert F. Belli (n.a.), “The Use of Landmark Events in EHC-Interviews to Enhance Recall Accuracy”, AAPOR, pp. 6280-6293
- Wengraf, Tom (2000), “Uncovering the general from within the particular: from contingencies to typologies in the understanding of cases”, in Chamberlayne, Prue, Joanna Bornat and Tom Wengraft (Eds.), *The turn to biographical Methods in Social Science. Comparative issues and examples*, London, Routledge.
- Wilson, Sarah, Sarah Cunningham-Burley, Angus Bancroft, Kathryn Backett-Milburn and Hugh Masters (2007), “Young people, biographical narratives and the life grid: young people’s accounts of parental substance use”, *Qualitative Research*, vol. 7 (1), pp. 135-151.